

Revista
IDeAS

Interfaces em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade

SCHENATO, Vilson Cesar. *Grupos sociais rurais além das fronteiras: construções identitárias entre os colonos e assentados no Oeste Paranaense*. Curitiba (PR): CRV, 2011. 167p.

Rodrigo Pennutt da Cruz¹

O tema apresentado por Vilson C. Schenato neste livro é de extrema valia não só para os estudiosos das questões agrárias no Brasil, como também para aqueles que se interessam por formas de diferenciação e fluxos de construção identitária. O autor elege como objeto de estudo o processo de construções identitárias e diferenciações entre duas comunidades vizinhas: os *colonos* do oeste paranaense e os *assentados* da Colônia Esperança. As construções identitárias, para efeitos de confirmação de perspectiva de análise relacional do autor, são consideradas pelos aspectos das dinâmicas de interpretação, demonstrando como os sujeitos constroem suas identidades mediante fluxos e em sintonia com contextos sócio-históricos.

Ao tomar tal tema como objeto de estudo, o autor analisa, por meio de metódica observação participante, uma série de “categorias nativas”, tais como *colono*, *colono fraco*, *colono forte*, *peão*, *caboclo*,

¹ Bacharel em Ciências Social pela UFF, mestrando em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA/UFF). Bolsista CAPES. E-mail: rpennutt@gmail.com

macroagricultor, microagricultor, assentado, sem-terra, MST..., que são, todas, construções identitárias, que bailam em conformidade com o contexto social, o *ethos* de ser agricultor na região em que desenvolve sua etnografia.

O trabalho de campo desenvolvido demonstra cuidadoso e longo exercício etnográfico, visto que a trajetória do próprio pesquisador, muitas vezes, está entrelaçada pelas trajetórias dos interlocutores. Isto porque o autor é filho de *colonos* paranaenses e muitas das narrativas, apresentadas ao longo das entrevistas realizadas, também fazem parte do repertório de universos de significação das experiências vivenciadas por seus pais. Apesar da íntima ligação com as condições empíricas de construção do tema, o pesquisador consegue manter um distanciamento com relação às questões expostas. A prova disso é que essa intimidade é apropriada como experiência, sem contaminar o seu trabalho e a sua reflexão diante das questões de pesquisa.

Afinado com os princípios metodológicos mais caros à Antropologia, Vilson C. Schenato lança mão não só da observação participante (observação do cotidiano das comunidades, com objetivo em compreender as constituições das identidades), como também da história oral e do recurso à memória (como a historiografia interfere nos processos identitários dos *colonos* e *assentados*).

A análise dos processos históricos se faz presente no trabalho, pois, para compreender a composição de cada identidade social, é necessário, segundo o autor, um refinamento da constituição dos sujeitos no *locus* de pesquisa. Assim, a composição e as diversas identidades apresentadas no contexto de análise se fazem necessárias para o entendimento de suas formações e de suas manutenções. Esse é o ponto principal do texto, pois o autor analisa, historicamente, a constituição de cada identidade e como estas são postas em prática.

As oposições *colono* e *assentado* se constroem justamente no momento de constituição do assentamento Colônia Esperança, em 1984. Este assentamento foi criado por intermédio dos próprios *colonos*, que residiam na Linha São Roque, oeste paranaense, área cobiçada pelo governo estadual para a construção de uma colônia penitenciária. No entanto, pela iniciativa dos moradores (*colonos*), o projeto não ganhou

fôlego, tendo sido instalado no local o assentamento rural para aproximadamente 13 famílias.

Num primeiro momento, as identidades de *colono* e *assentado* estavam em conformação, porém, após alguns anos, as diferenças começaram a surgir, diferenças estas advindas do contexto histórico da própria região.

Desta forma, para o entendimento das construções identitárias presentes no contexto de pesquisa, Vilson C. Schenato traça o percurso de colonização do oeste paranaense, fortemente influenciado pelo Estado, principalmente a partir da década de 1940, com a migração de colonos advindos de outros estados da região sul do país: Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Para a compreensão dessa migração e das identidades que se contrapuseram na ocasião, o autor problematiza a noção de fronteira, uma vez que esta região era vista como inabitada até o momento, sobretudo pelos documentos oficiais em que se afirmava que a fronteira agrícola poderia ser reconhecida como “aberta”.

O território no qual o autor realiza a pesquisa foi forjado historicamente, visto que existiam outros grupos, tais como os *caboclos* e os *índios*. Com isso, Vilson C. Schenato reforça a ideia de fronteira proposta na década de 1970 por Otávio Velho. Para este autor, referência clássica para o tema no Brasil, a noção de fronteira, na situação por ele considerada, pode ser entendida como um ambiente para o desenvolvimento do capitalismo e cujo objetivo é controlar as tensões sociais para garantir a manutenção do poder por parte das classes dominantes no campo, tanto que a estrutura agrária no país continua a mesma. E também apresenta a fronteira como local de intensa disputa, argumento defendido por José de Souza Martins, em que esta é permeada pelo conflito. Afinal é o espaço de encontro dos “opostos”, como “os índios de um lado e os civilizados de outro, os grandes proprietários de terra de um lado e os camponeses pobres de outro” (MARTINS: 1997, p. 150).

Desta forma, as construções identitárias estão permeadas pelos movimentos históricos e oposições enfrentados pelos diversos grupos, como os representados pelos *colonos* (migrantes num primeiro momento) e os *assentados* (caboclos expropriados que retornam ao local de origem tempos depois). Logo, as identidades podem ser consideradas como

híbridas e “ao mesmo tempo constituídas em processos sócio-históricos e culturais” (SCHENATO: 2011, p. 23).

O conceito de identidade que permeia todo o trabalho de Schenato está intimamente relacionado, como já destaquei, com os processos históricos, envolvendo as negociações entre os diversos grupos que disputam recursos no mesmo local. Assim sendo, as identidades só podem ser consideradas como fluídas, em que fluxos de tradições, valores ou aspectos culturais são constantemente contrastados entre os “diferentes”. Esta é uma ideia, muito bem desenvolvida ao longo do texto, que o autor toma de empréstimo de Ulf Hannerz (1997). Além disso, o conceito de identidade está marcada por relações de poder, legitimação, enfim, por disputas internas entre dois ou mais grupos. Assim, as identidades são construídas de acordo com as interações sociais com o “outro”, que pode ser o familiar ou o estranho.

A construção do texto de Vilson C. Schenato torna-se inteligível pela subdivisão dos capítulos, com o desdobramento do objeto proposto no qual procura traçar as diversas constituições identitárias, tendo como base os processos históricos e as diferenciações entre os *colonos* e *assentados*, além de um mosaico metodológico que está presente ao longo do trabalho. Todos esses cuidados teóricos e metodológicos, aliados com proposições interpretativas, fundadas em bibliografia vasta e recente sobre o tema, tornam a leitura de extrema importância não só para os pesquisadores da área rural, como também para os interessados nas ciências sociais. O autor consegue aliar tanto trabalhos de cunho metodológico, de autores como Bourdieu, Geertz, Foot-White, quanto de questões agrárias, como os de Chayanov, Garcia Jr, Martins, Velho, Woortmann; além de trabalhos voltados para os usos da memória, como os de Le Goff, Pollack, Bosi. Além disso, utiliza textos referentes ao local de estudo (Myskiw, Quinteiro, Pawelke) e também textos voltados para constituição de identidades (Barth, Elias, Goffman, Hannerz), incluindo ainda textos caros à Antropologia (Ciências Sociais), como os de Mauss, Simmel, Weber.

Por todos os aspectos anteriormente levantados, a leitura do texto torna-se relevante, pois com certeza virá ao encontro de interesses de antropólogos, e de historiadores, enfim, de todos aqueles interessados em compreender as mudanças sociais e construções identitárias.

Referências bibliográficas

HANNERZ, Ulf. Fluxos, fronteiras, híbridos: palavras-chave da antropologia transnacional. **Mana**, 1997. Disponível em: www.scielo.br/pdf/mana/v.301/2454.pdf Acesso em 27 dez. 2011.

MARTINS, José de Souza. **Fronteiras**: a degradação do outro nos confins do humano. São Paulo: Hucitec, 1997.

VELHO, Otávio. **Capitalismo autoritário e campesinato**. 2ª ed. São Paulo: Difel, 1979.

Resenha recebida para publicação em:

01 de abril de 2012.

Resenha aceita para publicação em:

28 de junho de 2012.

Como citar este artigo:

CRUZ, Rodrigo Pennutt da. Resenha - Grupos sociais rurais além das fronteiras: construções identitárias entre os colonos e assentados no Oeste Paranaense. *Revista IDeAS – Interfaces em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade*, Rio de Janeiro – RJ, v. 6, n. 1, p. 169-173, 2012.